

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

9. A Construção da adolescência e as Tribos urbanas

Responsável EOL: Diana Campolongo

Participantes: Walter Capelli, Andrea Carpi, Claudia Caruncho, Valeria Casali, Karina Castro, Nicolás Dedovich, Irene Greiser, Ludmila Malischevski, Paula Rodríguez Acquarone, Marita Salgado, Mora Torregiani, José Luis Tuñón

O que fica depois da queda das grandes figuras, é que são inventadas crenças que permitem sustentar o laço social, não se apoiando nos discursos comuns, mas transformando-os, como para inventarem-se certos sistemas sem acreditar por isso que vá surgir uma figura de autoridade que possa rearmar a história, não; um laço social mas sem este velho sentimento da existência comum.¹

O adolescente e a época

Cada época oferece diferentes modos para transitar esse período da vida que denominamos adolescência. A nossa é uma época na qual o gozo prima sobre o Ideal e está caracterizada por J.-A. Miller e Eric Laurent como a época do Outro que não existe, questão que implica que esse Outro não existe como Único: a confrontação com um Outro inconsistente, revela que o Um do Ideal, mola da identificação, pluralizou-se. O declive do Nome do Pai se traduz numa pluralização de S_1 .

Graciela Brodsky expressa:

Não é que antes o Outro existisse, mas os semblantes que ocupavam o seu lugar velavam com certo êxito a sua inexistência (...) temos que nos arranjar com poucos

¹ Laurent, E., La ciencia es hoy el principio de autoridad. *Revista Ñ*. 13/12/11. Buenos Aires.

semblantes, com muita descrença e com um Outro que se reduz ao corpo que apenas temos.²

Estes são os tempos com os que se confrontam nossos adolescentes, os quais sentem com maior intensidade os efeitos mutantes da época da queda dos semblantes. A decadência do patriarcado, função que era eminente ao próprio, está degradada. Degradação efetuada pelo discurso da ciência.³

Os emblemas que indicavam como ser um homem ou uma mulher retrocedem, e são destituídos pelo dispositivo social da comunicação. A decência comum se encontra transtornada.⁴

O que implica dizer que a adolescência é uma construção?

A princípio, que não se trata de algo que acontece de forma natural. O que acontece de maneira natural é a puberdade e a adolescência em si situa-se como resposta. O adolescente se confronta não só com o que acontece como padecimento no corpo, senão com a angústia concomitante, produto do encontro com o real do sexo: encontro com o impossível que dá conta da inexistência de uma relação que escreva, no sentido matemático do termo, um saber instituído acerca do que é a relação entre os sexos.⁵

O saber para esse encontro traumático se apresenta inconsistente para dar significado ao que sucede no nível do próprio corpo, e a relação com os Ideais parentais vacila, aparecendo um Outro que carece de respostas. Por outro lado, o empuxo pulsional comina os púberes a responder a essa agitação que se produz no seu corpo, e essas transformações corporais, ao não contarem com os semblantes para inscrevê-las podem tomar o viés de marcarem os corpos através de *pearcings*, tatuagens, cortes. As tatuagens podem ser a tentativa de efetuar, no real do corpo, aquelas transformações que muitas vezes não se podem inscrever no nível do simbólico. Oferecem-se no mercado essas marcas que faltam no simbólico.

Se bem a puberdade é um fenômeno pontual no tempo, a adolescência pode ser eterna. A adolescência se trata não só de uma transformação como do surgimento de algo radicalmente novo: um choque entre a sexualidade infantil e a sexuação. Para a sexuação é imprescindível o uso dos semblantes. Esse imperativo de ter que responder ao impossível

² Brodsky, G., Elogio de la virtualidad. XXV Jornadas anuales de la EOL 2016. Buenos Aires.

³ Miller, J.-A., En dirección a la adolescencia. www.psicocanalisisinedito.com

⁴ *Ibidem*.

⁵ Salgado, M., La adolescencia interminable, *un collage*. *Dispar* N° 5. Buenos Aires: Grama. 2004.

sexual pode pegar o viés do consumo ou das passagens ao ato violentos. Lacan afirma:

[...] para o menino na idade adulta trata-se de parecer-homem. É isso o que constitui a relação com a outra parte. É à luz disso, que constitui uma relação fundamental, que cabe interrogar tudo o que, no comportamento infantil, pode ser interpretado como orientando-se para esse parecer-homem. Desse parecer-homem, um dos correlatos essenciais é dar sinal à menina de que se o é. Em síntese, vemo-nos imediatamente colocados na dimensão do semblante.⁶

A construção da adolescência

J.-A. Miller se pergunta o que é a adolescência na psicanálise e a constrói a partir do seguinte: 1) a saída da infância, 2) a diferença dos sexos e 3) a intromissão do adulto na criança. A respeito da intromissão do adulto na criança afirma que a mesma tem uma forma lógica e portanto, funcionaria também como um ponto conclusivo que dá lugar para a saída dessa construção.

Neste ponto retomamos a questão do semblante na época. J.-A. Miller afirma que:

[...] falar hoje de um conceito que é uma construção acarreta sempre a convicção, posto que o espírito da época é que tudo é construção, que tudo é artifício significativo. Esta época, a nossa, é muito incerta enquanto ao real. Cheguei a dizer que é uma época que habitualmente nega o real, só reconhece os signos, que são portanto semblantes.⁷

Estes semblantes proliferam vazios, não velam nenhum real, dado que a época nega o real, sendo o fracasso, da dupla semblante e real, apontada por Lacan.

Portanto, assim como se constrói a adolescência, “nada é mais fácil que desconstruí-la”.⁸

Ainda que a construção é um artifício significativo, pode não sê-lo; é o caso da radicalização produzida pelo Islã para o qual se refere J.-A. Miller,⁹ no qual o real não

⁶ Lacan, J., El hombre y la mujer. *El Seminario, libro 18. De un discurso que fuera del semblante*. Buenos Aires: Paidós. 2010.

⁷ *Ibidem*.

⁸ *Ibidem*.

⁹ *Ibidem*.

admite semblante, o que torna impossível a sua desconstrução. Para o Islã trata-se de um saber efetivo e prévio sobre o que é ser um homem ou uma mulher.

É talvez o discurso que leva mais em conta que a sexualidade faz furo no real, que coagula a relação sexual e que organiza o laço social sobre a não relação.¹⁰ E isto implica um salvavidas para o adolescente desorientado.

No ocidente é o mercado que empurra os adolescentes desorientados a introduzir-se no consumo de drogas, no roubo e na prostituição. Sendo a contrapartida da consistência do Um islâmico.

Construção, uma digressão: Freud e a arte

É na arte que encontramos um movimento chamado Construtivismo. O mesmo se manifesta a partir de 1910 na Rússia. Os seus representantes, entre outros, são Tatlin, Schwitters e Malevich, os quais trabalham com as possibilidades de funcionamento dos materiais, gerando volumes, organizando espaços. A partir de formas ensambladas ou da diversidade dos materiais, criam-se novas obras, dando lugar a colagens, ensamblagens e montagens. O material é liberado de sua função própria para convertê-lo em matéria artística.¹¹

Freud, a respeito das construções na psicanálise, no seu texto de 1937, situa os materiais com os quais trabalha o analista:

[...] farrapos desfigurados das lembranças perdidas nos sonhos; ocorrências da associação livre, das que podemos entressacar alusões do reprimido; brotos das moções de afeto sufocadas, assim como reações contra estas; e indícios de repetições, tanto dentro da situação analítica quanto fora dela. Com este material, temos que presumir o esquecido, ou melhor dizendo, construí-lo desde os indícios que isto deixou atrás de si.¹²

Também na Conferência XXI de Lições introdutórias à psicanálise, diz “A primazia do

¹⁰ *Ibidem.*

¹¹ *Historia del arte.* Madrid: Espasa Calpe-Siglo veintiuno. 1999.

¹² Freud, S., *Construcciones en psicoanálisis. Obras completas.* Tomo III. Madrid: Biblioteca Nueva. 1973.

genital se prepara desde a primeira infância e se consolida na puberdade”,¹³ com estes restos infantis e o novo deverá ser construída a adolescência.

Tribos urbanas e adolescência

O sociólogo francês Michel Maffesoli, que, nos anos oitenta teorizou sobre as tribos urbanas, explica que:

[...] o eixo fundamental destas novas agrupações gravita sobre uma contradição básica e característica da sociedade moderna: o auge da massificação versus a proliferação de micro grupos, ou seja, das tribos urbanas como uma resposta ao processo de “desindividualização” próprio das sociedades de massas, cuja lógica consiste em fortalecer o rol de cada pessoa no interior da agrupação.¹⁴

Para Maffesoli a definição de tribo organiza-se sobre uma definição básica: compartilhar um gosto seja musical, tecnológico, de histórias em quadrinhos, jogos de rol, desenhos animados, etc.

A tribo não é sem o urbano e o urbano de hoje não é a cidade – polis, senão a megalópole. Na megalópole perdem-se os limites do dentro e fora e o sujeito perde os seus atributos. O declive do reino do Um impõe um tipo de organização em rede na qual os corpos não se fazem presentes, estas são as cidades nas quais vivem os adolescentes de hoje.

As tribos de hoje organizam uma modalidade de laço?

Desde a psicanálise é possível pensar que diante do impasse do real do sexo, a tribo pode ser uma tentativa de inscrição num vínculo social. Ocasionalmente as tribos podem funcionar suspendendo a confrontação com o real sexual. Verificamos como alguns adolescentes podem servir-se da tribo como modo de fazer-se um corpo, não pondo em jogo o real do sexo.

¹³ Freud, S., 21ª conferencia. Desarrollo libidinal y organizaciones sexuales. *Obras completas*. Tomo II. Madrid: Biblioteca Nueva. 1973.

¹⁴ Maffesoli, M., El señor de todas las tribus. *Revista Ñ*. Entrevista Héctor Pavón. 4/02/13.

J.-A. Miller introduz um ponto de interesse a respeito do funcionamento atual do saber antes depositado no adulto, nos pais ou nos educadores. Explica que antes o saber era um objeto que tinha que ser buscado no campo do Outro, extrai-lo do Outro, passar pela estratégia do seu desejo. Atualmente se dispõe dele automaticamente, como demanda formulada na máquina. É uma autoerótica do saber.

Com relação a esta autoerótica, se produz uma overdose de informação que aponta a retirar-se a zonas limitadas de certeza; é o efeito Otaku,¹⁵ que refere ao comportamento de adolescentes que ficam fanáticos da tecnologia. Fanatizam-se com um tema, com um ídolo ou com um mangá e deste modo acumulam um saber que se constitui como micro totalidade.

Em relação ao laço, é possível, além disso, pensar nas tribos como comunidades de gozo. Luis Tudanca¹⁶ adverte que, se bem o gozo concerne à parte mais autista de cada um, é através de alguns semblantes como a roupa, a música ou a ideologia que se cumpre a ideia ilusória de formar uma comunidade. A tribo pode ser uma tentativa de inscrição num vínculo social que permita localizar o gozo.

Comunidade e gozo são termos disjuntos, contudo, a respeito das tribos, trata-se de uma comunidade de solidões que aloja um gozo que nunca é comum. É um comum não só ilusório como também desconhecido, pois lá se aloja o gozo mais impróprio do sujeito. Blanchot, ao se referir à Comunidade Inconfessável, faz da morte o traço de uma comunidade. A subjetividade pode ser objeto de captação massiva, porém um sujeito responde com a singularidade do seu gozo, que não faz laço nem comunidade.

As tribos e os enredos na prática

Sendo a tribo um conceito sociológico, aquilo que nos convoca em relação ao tema, é qual é o uso que o adolescente pode fazer desta para tramitar os padecimentos com os quais se confronta. Assim, pode funcionar como recurso diante do imperativo de ter que dar resposta para a irrupção do real sexual. Trata-se, neste caso, de ler o modo no qual cada sujeito pôde se servir da tribo como solução à sua desorientação.

¹⁵ Miller, J.-A.. El inconsciente es político. *Lacanianana* N° 1. 2005.

¹⁶ Tudanca, L., *Las tribus urbanas*. www.elsigma.com

Um analista na sua prática pode alentar o seu uso naqueles casos nos quais não é possível tramitar por outro viés as transformações padecidas no corpo, como modo de delimitar a irrupção de um gozo ilimitado. Para alguns casos de psicose pode ser uma ferramenta que oferece semblantes para velar o real do corpo.

Nem sempre a tribo oferece ao sujeito desamarrado do Outro a construção de um semblante, sendo nesses casos, a saída pelo viés da passagem ao ato, o único caminho que o sujeito encontra.

Outros modos de alojamento podem brindar tribos urbanas como os rappers, os quais, sob o gênero do Hip Hop se congregam numa espécie de união, de aceitação, de todos os subgêneros (reggae, rap, trap, e vários de R&B). Durante um evento musical, um rapper diz:

[...] somos todos iguais, não há diferença e, pelo contrário, há um ar de companheirismo porque somos todos farinha do mesmo saco. Chamamo-nos de brothas e sistas, irmãos e irmãs... não existem diferenças segundo gênero, classe social ou nível educativo.¹⁷

Desprende-se desta afirmação, o modo no qual se subtrai o impacto do encontro com o Outro sexo.

Constatamos, além disso, através da clínica, como o adolescente arma os seus laços pela internet com a oferta de tribos virtuais. Procuram lá os significantes que não encontra no Outro. Tentará alojar esses significantes, não sem instar a que o sujeito invente a sua própria saída sintomática.

É possível para o analista se servir da tribo como amarração, sem desconhecer que o ato analítico opõe-se ao espírito coletivizante, orientando-se pelo real do sintoma.

Tradução Eva Arenas

¹⁷ Malischevski, L., Entrevista a Shonin Cabral (rapper). Inédito.

Bibliografía

- Coccoz, V., La clínica de las adolescencias: entradas y salidas del túnel. www.nucep.com
- Coccoz, V., Las tribus urbanas. www.nucep.com
- Amadeo de Freda, D. y otros. *El adolescente contemporáneo: problemas clínicos*. Buenos Aires: Cuadernos del ICdeBA.
- Goldber, S. y Stoisa, E., *Psicoanálisis con niños y adolescentes III*. Buenos Aires: Grama.
- Mitre, J., *La adolescencia: esa edad decisiva. Una perspectiva clínica desde el psicoanálisis lacaniano*. Buenos Aires: Grama.
- Recalde, M., *Púberes y adolescentes. Lecturas lacanianas*. Buenos Aires: Grama.
- Lacadee, P., *El despertar y el exilio*. Gredos. 2010.
- Stevens, A., La adolescencia, síntoma de la pubertad. <https://es.scribd.com>
- Stevens, Alexandre, Cuando la adolescencia se prolonga. <https://es.scribd.com>
- Sinatra, E., *Por fin hombres al fin!* Buenos Aires: Grama.
- Freud, S., Tres ensayos para una teoría sexual. *Obras completas*. Tomo II. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S., Psicología del colegial. *Obras completas*. Tomo II. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Lacan, J., El despertar de la primavera. *Intervenciones y textos II*. Buenos Aires: Manantial.
- Lacan, J., Juventud de Gide o la letra y el deseo. *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo veintiuno.
- Lacan, J., Discurso de clausura de las Jornadas sobre la psicosis en el niño. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós.
- Miller, J.-A. y Laurent, É., *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós.
- Miller, J.-A., El Ser y el Uno. 2011. (Inédito).
- Glaze, A. (Comp.), *Una práctica de la época. El psicoanálisis en lo contemporáneo*. Buenos Aires: Grama.
- Greiser, I., *Sexualidades y legalidades. Psicoanálisis y derecho*. Buenos Aires: Paidós. 2017.
- Laurent, É., *Ciudades analíticas*. Buenos Aires: Tres Haches. 2005.
- Laurent, É., *El reverso de la biopolítica*. Buenos Aires: Grama. 2016.
- Morao, M. (Comp.), *Violencia y radicalización*. Buenos Aires: Grama. 2016.
- Belaga, G. (Comp.), *La práctica analítica en el hospital*. Buenos Aires: Grama. 2016.